



PREÇO

1

ESCUDO

GINGER ROGERS

CINE JORNAL



Carola Höhn dedica retratos aos seus admiradores



Um despista complicado que Cecilio Parker cultivava



Tom Keene, o herói de «O Pão Nosso de cada dia»



Harmon e Ising, os autores dos desenhos coloridos da Metro

Há crise de imaginação?

HOLLYWOOD ESTA' A REEDITAR TODOS OS SEUS EXITOS DE OUTRORA...

A versão falada de Ana Karenine que vi, recentemente, no S. Luiz, trouxe-me à ideia que, nos últimos tempos, as casas produtoras brinham-nos a cada passo — falta de original ou a quasi certeza da repetição de um êxito anterior? — com reproduções de filmes já passados.

Se me preguntarem se a Ana Karenine de Clarence Brown, me emocionou mais do que a primeira versão cinematográfica do romance de Tolstoi, realizada há anos com John Gilbert no papel de «Vronsky», agora desempenhado por Frederick March, responder-lhes-ei que não.

Nem Greta Garbo, desta vez, me deu um sentido do patético superior ao da primeira Ana Karenine, nem Frederick March me fez esquecer o talento e as «soupleses» de John Gilbert.

Tem sei que há que contar com Freddy Bartholomew que é, indiscutivelmente, um artista. Porém, a sua rápida passagem pela tela não chega a constituir uma compensação.

Todavia, não foi só Ana Karenine que teve o honra de uma repetição. A vinte anos de distância, as Duas Garotas de Paris, que nos fizeram chorar de emoção no velho Olympia, também a mereceu.

René Hervil acaba de filmar uma nova versão falada do romance de Luiz Feuillade que, durante algumas semanas, impressionou, pela tragédia que nele se desenrola, os assíduos leitores e leitores dos folhetins do «Diário de Notícias».

Foi o próprio realizador da primeira versão, Maurice Champreux, quem colaborou com René Hervil. Mazudian e Alice Tissot mantêm, com brilho, os seus primitivos papéis.

Por outro lado, Miguel Strogoff, que agora nos apareceu com Adolfo Woelbrack no protagonista, já fôra realizado, aliás com vantagem, com Ivan Mosjouskine.

Tarass Boulba, de Gogol, filmado em 1926 na Alemanha, por Ermolief, surge-nos também em repetição. E que dizer de Nitebevo, um dos maiores êxitos do mundo, que Jacques Baroncelli realizou e do qual se prepara para nos oferecer nova versão?

Jacques Baroncelli que, durante alguns anos, viveu retirado do cinema, declarou, a propósito do seu filme: «Não quero fazer mais filmes em dez dias, com meios quasi inexistentes. Para trabalhar assim, preferi ficar inactivo. Agora as más recordações estão esquecidas. Trabalho na planificação de Nitebevo, filme marítimo e de acção que se passa nas costas de Marrocos. O filme mudo era interpretado por Charles Vanel, Pierre Brassac, eu-lão no inicio da sua carreira, a inglesa Lillian Hall Davis e uma principiante cujo nome esqueci. Agora será Harry Barr o protagonista. E o mais curioso é que êle foi, há vinte anos, o principal intérprete de um dos meus principais filmes: O Suicidio de sir Elson.

E não ficamos por aqui. Embora Hollywood mantenha o maior silêncio acerca da aparição repentina, na tela, do mesmo tema, sabe-se que a Carnice, cuja primeira versão tinha Theda Bara como protagonista, foi já filmada seis vezes. A Herança da Morte, de Walter Wagner, três. Ramona, outras três, assim como A Ilha do Tesouro. As sete chaves para Baddpale, Três fantasmas vivos, A caminho do Oriente, Madame Butterfly, A pimpinela escarlate, Madame du Barry, O fantasma da Ópera. Quo Vadis? e Sherlock Holmes.

E em Portugal? Graças a mil trabalhos e a muita perseverança, começa por assim dizer a desenhar-se agora a posição de Portugal como país produtor. Vamos ainda nos originais. Porém, quem nos diz que, no futuro, os não veremos repetidos com outros actores e outros realizadores?

●PERADOR N.º 13

Mariène e Greta Garbo no index nazi

BERLIM, 30 — Os peritos «raciais» nazis decretaram que Greta Garbo e Mariène Dietrich não são nórdicas 100 por cento. A inferioridade de Garbo reside na categoria do seu sangue, «balta oriental», por conseguinte russo ou de baixa classe.

Quanto a Mariène não lhe perdoam ser casada com o «judeu» von Sternberg.

Os melhores filmes do mês, segundo «Photoplay»

Vejamos quais os melhores filmes de Abril, segundo a grande revista americana Photoplay:

The Great Ziegfeld, da M-G-M, com William Powell, Louise Rainer e Myrna Loy.

Small town girl, da M-G-M, com Robert Taylor e Janet Gaynor.

I married a Doctor, da Warner, com Ray Mayer.

Sutters Gold, da Universal, com Edward Arnold.

Lets sing again, da Sol-Lesser, com Henry Armetta.

Mrs. Deeds goes to town, da Columbia, com Gary Cooper.

Big Brown Eyes, da Paramount, com Cary Grant.

Little Miss Nobody, da Fox, com Jane Withers e Harry Carey.

Don't get personal, da Universal, com James Dunne.

A Metro-Goldwyn-Mayer distribuirá, no Europa, o seu jornal de actualidades

A Metro-Goldwyn-Mayer, a partir de Setembro próximo, distribuirá na Europa o seu *Hearst-Metrotone*, jornal de actualidades da organização Hearst, e que foram os primeiros que vimos em Portugal, quando da revelação do cinema sonoro, entre nós.

O acordo com a Fox-News, que proibia a sua distribuição no Velho Continente, caducou, pelo que, na nova época, voltará a visitar-nos.

Sabemos que o jornal da Metro será exibido, em Portugal, regularmente, na próxima temporada, a partir de Setembro.

Um sub-secretariado de cinema, em Paris

O jornal *Le Jour* anunciava noutro dia, que, segundo parece, Leon Blum pensa criar um sub-secretariado do cinema e da rádio. Cita-se o nome de Mr. Rivas, deputado de Allier, para ocupar esse lugar.

O novo filme de Fritz Lang

Fritz Lang concluiu já *Mob Rule*, o seu primeiro filme realizado na América, e que tem Spencer Tracy, Silvia Sidney e Lewis Stone, como principais intérpretes.

Trata-se dum filme policial, que é a história da vingança dum homem, injustamente acusado dum crime, que não comeu.

A imprensa francesa ataca o jornal de Actualidades da Metro

Na *Cinematographic Française*, Marcel Colin-Reval ataca rudemente o jornal *Metrotone News*, da organização Hearst, o poderoso magnate da Imprensa americana, jornal que, conforme noticiamos noutro local, será distribuído na Europa.

E escreve:

«Há algumas semanas, o magnate Hearst, inimigo publico n.º 1 do nosso país, estuda a possibilidade de editar uma «versão francesa» do jornal filmado *Metrotone News*.

«Afirma-se que o governo francês estaria disposto a proibir a exhibição desse jornal, applicando o artigo 1.º do decreto publicado no «Journal Officiel» de 8 de Maio último e cujos primeiros artigos publicámos *in-extenso*, no nosso último número.

«No caso presente a applicação do novo decreto (*interdição de exhibição de filmes contrários aos interesses nacionais*) estaria perfeitamente justificada. Basta lançar uma vista de olhos pela Imprensa de Hearst para ver em que termos esse consórcio se serve dos seus jornais e das suas actualidades contra a França.»

O articulista reproduz depois algumas locais violentíssimas do *New York American*, onde a França é injustamente atacada, com uma rudeza, que, de facto, tem qualquer coisa de suspeito.



Jean Chatterburn apresenta o mais belo dos «mouillots»



Um linda friso de raparigas! Da esquerda para o direita: Lucille Ball, Margaret Galahan, Jay Hodges, Ann Shirley, Phyllis Brooks e Mally Lamont. São tôdas novas descobertas do cinema!

A cinematografia ao serviço da natação

A XI Olimpíada, que em Agosto do corrente ano se realizará em Berlim, vai proporcionar aos peritos e aos interessados pelo desporto de natação novos conhecimentos na matéria e na essência do referido desporto. No Forum de Desportos, que se acha em construção num dos extremos do Reichsportfeld, em Berlim, foi instalada em volta da piscina de natação uma espécie de galeria abobadada, da qual, através dum vidro de 25 milímetros de espessura, se vê com toda a nitidez o que se passa na piscina, por baixo do nível líquido. Desta maneira, pode observar-se em devida forma o estilo dum nadador e os especialistas que, visitaram esta instalação, ficaram realmente surpreendidos e encantados pela maneira interessante e original como ela foi construída. Muito naturalmente, também os operadores cinematográficos serviram-se já desta «janela», para fazer algumas fitas e os mestres dêste género de desporto acoerrem constantemente ali, para presenciar o trabalho dos nadadores, cujos movimentos, vistos de baixo, dão uma impressão muito diferente da que se obtém, ao observá-los de cima. A referida inovação facilita um excelente e incomparável ensino contemplativo, cujos preceitos merecem ser convenientemente utilizados nos treinos e em todos os casos da prática.

É facto sabido e, até mesmo reconhecido por leigos, que nos treinos de «crawl» o trabalho das pernas quasi nenhuma importância tem para o avanço do nadador, servindo apenas para manter o equilíbrio e elevar o corpo o mais possível, reduzindo assim a resistência que a massa líquida lhe oferece. É possível que agora se venha a descobrir o segredo dos japoneses, que costumam nadar em posição bastante elevada e a isso devem as suas grandes vitórias. Não é, porém, só nestes casos que a instalação mencionada está destinada a prestar relevantes serviços. Nos jogos de «water-polo», por exemplo, é possível exercer por meio dela uma fiscalização segura de quaisquer «faltas» dos concorrentes, que o árbitro, muitas vezes, principalmente nas fases movimentadas, não consegue ver bem de cima.

lores eléctricos sub-aquáticos, de 18.000 «watts», permitindo assim tirar fotografias através do vidro de observação, sem necessidade de luz de magnésio. Nos últimos tempos, era já tão grande a afluência de visitantes ao referido pósto, que as instâncias competentes se viram obrigadas a proibir o acesso, tanto como à galeria em volta da piscina e seus arredores.

É bem de crer que a ideia posta agora, pela primeira vez, em prática, venha a divulgar-se no estrangeiro e que, dentro em breve, outros países sigam o exemplo da capital da Alemanha.



Maxime Réiner, ou uma vedeta do novo tipo «fousse-gras»...

O dr. Goebbels protege os empresários contra as críticas precipitadas

O ministro da propaganda do Reich, o dr. Goebbels, acaba de tomar uma decisão que tem certa originalidade e que se refere às críticas de representações teatrais, cinematográficas e concertos.

Com efeito, de futuro os jornais da manhã não poderão fazer a crítica de espectáculos, realizados na véspera a noite. Só os jornais da tarde poderão criticar os acontecimentos artísticos da véspera. E os matutinos só dois dias depois o poderão fazer.

Desta forma, o dr. Goebbels pretende proteger os empresários contra os críticos precipitados...

Procura-se uma companheira para «Buck»

Lembram-se de «Buck», o famoso São Bernardo, que, ao lado de Clark Gable desempenhava um dos principais papéis de *A Ambição do Ouro*? Pois Carl Spitz, o dono da já célebre vedeta canina, procura agora uma companheira, a-fim-de obter descendentes puros. Spitz crê que, com «Buck» e duma cadela da mesma raça, de boa «linhagem», obterá exemplares mais formosos ainda do que o progenitor.

O novo filme de Janet Gaynor

Depois de ter trabalhado na Metro, ao lado de Robert Taylor, em *Small town girl*, Janet Gaynor vai interpretar *Bunyo ou My Knee*, baseado numa novela célebre de Harry Hamilton.

GRETA GARBO, AO LADO DE CHARLES BOYER

Uma noticia inédita ainda, e absolutamente sensacional.

Greta Garbo, logo que conclua a *Dama das Camélias*, que já iniciou, interpretará *Maria Walewska*, onde terá por parceiro Charles Boyer.

Vai ser curioso verificar o duelo de «arte de bem representar», que se entabulará, entre os dois artistas, que são hoje os mais representativos da sétima arte.

Shirley Temple toma o seu primeiro banho de leite

Shirley Temple, a célebre vedeta de palmo e meio acaba de tomar o seu primeiro banho de leite.

Foi durante as filmagens do seu novo filme, *Poor Little Rich Girl* e, segundo parece, a simpática estrelinha, que não abunda nas ideias de Popea, — que considerava o prazer máximo, em matéria de higiene — declarou preferir os banhos do mar.

Transcrição

O nosso presado colega do Porto, *Norte Desportivo*, transcreveu o artigo «Como se fabrica um êxito», de Carlos Moreira, inserio num dos últimos números da nossa revista. Agradecemos.



PARA apreciarmos verdadeiramente o que é doce, temos que provar, primeiro, o amargo.

Por isso, creio que o meu êxito, como artista, se deve, em grande parte, às repetidas tarefas que apanhei, e que foram a minha merenda, quase cotidiana, no alvorecer da minha mocidade. Era um verdadeiro diabo! Vivíamos num dos bairros mais pobres de Nova-York. E minha avó Ester — santa velhinha! — não me poupava os acoites. Já lá vão — sejam exactos!... — trinta e cinco anos.

* * *

Tive sempre pouca sorte, quando era garoto. Se cathava meter a mão no cêsto da fruta dos vendedores amilifantes é certo e sabido que estava logo um policia de sentinela, à esquina, pronto a filar-me.

Anosdepois, enfrentei o público nos teatros das vizinhanças, em noites de récitas para curiosos. Não é tarefa fácil, nem agradável! Todos aqueles que se supõem com aptidões saltam para o palco — e fazem o seu número. Se desagradam — podem levar algumas batatas, para a ceia... Mas se triunfam, podem ter ali o início da sua carreira. Eu não consegui agradar...

Depois, procurei outro emprêgo. Fui cantor num café barato, ocupação essa que estava longe de me reconciliar com a vida. Os meus inícios profissionais no tablado esilveram longe tambem de me dar glória.

Mas estou plenamente convencido de que tudo isto me foi utilissimo, sobretudo para extrair da vida aqueles contrastes de que são feitos os grandes «gags» cómicos, e que, quantas vezes, nasceram de dramas vividos, de horas de amargura e de tristeza.

* * *

Na vida dum artista de cinema — por muito célebre e por muito «feliz» que seja — nem tudo são rosas...

Se o argumento o exige, um artista tem que saber tocar piano, bater-se à pistola ou ao sabre, jogar o «box», dançar a rumba, pilotar um avião, ou fazer um «pinos»... A versatilidade faz parte da sua condição de vedeta da tela, assim

como saber trepar por uma escada de mão é essencial para um bombeiro. E acreditem: por muito que se lhes pague — nunca se lhes paga bastante.

O público gosta de ver prodigios de destreza e de valor, na tela, muito embora saiba que a câmara recorre a mil e um truques», às sobreposições e aos duplos. E, por isso, caem no outro extremo: quando o actor arrisca a «carrassa» por uma questão de pudor profissional ou para imprimir à cena mais realismo, muito embora admirem o que se passa — supõem sempre estar em presença duma hábil «trage».

Como o público se engana! Vezes e vezes, sem conta, é a vedeta do filme que desempenha as mais perigosas cenas.

* * *

Assim, por exemplo, em *Strike me pink*, o meu último filme, as aventuras que se me deparam, sucedem-se num ritmo vertiginoso, e preenchem um terço da metragem da obra em questão. Entre outras proezas, há uma particularmente impressionante: a certa altura, com efeito, lanço-me por um plano inclinado, no estilo da «Montanha russa», a cêrca de 140 quilómetros à hora, ora subindo, ora descendo, em curvas assustadoras. O director Norman Taurog utilizou os serviços de dois extras, Bob Rosa e Billy Jones, nas fases mais acidentadas da perseguição.

Noutra cena, vejo-me obrigado a lançar com brío e destreza um laço australiano. Um excelente mestre, Dave Kasliner, da antiga equipa olimpica inglesa, ensinou-me a manejá-lo.

No mesmo filme — calculem! — tenho que fazer um vôo de balão, lançar-me num pára-quadras, e, como proeza culminante, executar um número acrobático no trapézio, com a *troupe* Kitchins, a mais célebre no seu género. Nesta passagem do filme, foi impossivel utilizar duplos e tudo o que puderam fazer para evitar que morresse, foi estenderem-me uma rede, por baixo do trapézio, que me infundia um pouco mais de confiança.

* * *

Escândalos Romanos deu-me, ná dois anos, a oportunidade de ser um corre-

dor de quadrigas, à maneira dos romanos. Equilibrando-me pensosamente numa instável carroça, puxada por quatro furibundos corcêis, corri, a *la diable*, pelas colinas de Callababus, o equivalente da antiga Roma, para os produtores de Hollywood... Quando já faltava pouco para terminar a corrida, os «Pégasos» tomaram o freio nos dentes e esperaram comigo numa galera carregada de galinhas — e sai do acidente coherdo de penas das preciosas aves. Pôdia ser pior...

* * *

Um ano antes, em *Toureiro à Fôrça*, tive que armar em toureiro. A corrida resultou, na opinião geral, como uma grande «suíte» de «gags». Durante as filmagens, porém, houve momentos de pânico, pois um touro, por muito manso que seja é uma cathedral de arrobas, com duas armas córneas aguçadas...



Anyo Taranda, Eddie Cantor e Charlotte Russell, ou Eddie, entre dois fogos...

No *Grito Selvagem*, que Samuel Goldwyn realizou com a colaboração do famoso Ziegfeld, tive que montar a cavalo, às avessas, isto é olhando a garupa. Depois de vários ensaios, o cavalo resolveu interpretar o seu papel antes que a câmara e eu estivessemos prontos — e dei um dêstes trambulhões, que ficam de memória. Ia jurar que, volvido tanto tempo, ainda tenho nódoas negras no corpo. E, para cúmulo, essa cena, que tanto me custou, foi eliminada. Na montagem, foi julgada supérflua...

* * *

Com o andar dos tempos, habituei-me a ver estas coisas com certa filosofia. São os ossos do ofício. Um comediante tem que ser estoico, escravo da sua arte e estar sempre, de cara alegre, às ordens do director.

Há alguns anos, quando trabalhava em Broadway, nas *Follies*, do famoso Ziegfeld, resolvi organizar o primeiro Grémio de artistas, que denominei «Actores Aquity». Batalhei duramente contra os empresários e contra os produtores, que consideram os artistas em plano secundário, e só se cegam com o dinheiro...

* * *

Goldwyn, a quem anda ligada a minha carreira cinematográfica, é gentilissimo. Prefere fazer, acima de tudo, um bom filme. E sacrifica o que for preciso, para atingir esse objectivo.

Quando vii, por exemplo, *Strike me Pink*, antes de sair para a exploração, entendeu que estava demasiadamente extenso, e que um dos bailados, que havia custado 100 mil dólares, estava ali a mais. E suprimiu-o.

Na cena da perseguição, gastaram-se mais 75.000 dólares, e duas semanas de trabalho — além do que estava previsto — para que a mesma pudesse resultar.

* * *

E, agora, vou confiar-lhes um segredo. Sam Goldwyn disse-me que não olha a despesas, num filme, desde que o mesmo agrade a sua mulher.

É a minha verdade.

Gostaria de poder ter dêstes caprichos. Mas estão-me vedados, em absoluto. Porque teria não só que agradar a minha mulher, como tambem às minhas cinco filhas. E isto não seria já fazer arte — mas cumprir a mais difícil e a mais ingrata das missões diplomáticas!

EDDIE CANTOR

(Exclusivo para *Cine-Jornal*).

MARCELLE Chantal é a mais fina e a mais disluta de todas as vedetas francesas. Senhoril no porte, a sua graciosidade encantadora, a sua «finesse» habitual são a consequência lógica duma educação aprimorada, que desde o berço até hoje não deixou de fazer sentir, sobre ela, os mais subtils efeitos. Há quem a compare a Diana Wynyard, a «lady» do cinema inglês, que vimos em «Cavalgadas». Mas a verdade é que Marcelle Chantal tem aquele «charme» inconfundível das francesas, aquele ar «piquant» a transparecer sob a sua face serena, duma «dignidade» e elevação invulgar — e não se confunde com as inglesas porque é a imagem viva e bem formada da mulher francesa, na plenitude da sua graça e do seu encanto.

Estreou-se no «Colar da Rainha». Apareceu depois em vários filmes, desde «A Canção do Berço» — onde desempenhou o papel que Covina Freire interpretou na versão portuguesa do mesmo filme da Paramount — até «Arlinda, romance húngaro», que vimos há pouco.

O nosso correspondente de Paris conseguiu entrevistar Marcelle Chantal para a nossa revista. É «Cine-Jornal» erquiba com alegria e prazer as suas declarações — numa homenagem justíssima a uma das mais belas e talentosas vedetas do cinema francês.

Um dos últimos êxitos de Paris, foi *Buc cara*, filme onde Marcelle Chantal tem um papel difícil, ao qual soube dar uma ótima interpretação, que a colocou, definitivamente, entre as primeiras vedetas do cinema francês.

Marcelle Chantal, nova, bonita, de olhos grandes e expressivos, possui uns dentes invulgarmente belos. De uma educação esmerada (qualidade pouco vulgar em artistas de cinema), sabendo receber como qualquer princesa, encanta-nos com o seu «charme», de boa parisiense que é.

Cine-Jornal não podia deixar de apresentar esta artista aos seus leitores e ao público em geral. Telefonámos-lhe para casa, a pedir-lhe que nos recebesse, e, pela maneira como nos atendeu, vimos imediatamente que estávamos em presença duma artista desprezenciosa e educada:

— Com muito prazer! A que horas lhe convém?

Insistimos, por delicadeza e dever, para que fosse ela quem nos marcasse a hora.

— Hoje, às 5 da tarde, e terei o prazer de lhe oferecer um cálice de vinho do Porto.

Agradecemos à hora marcada batiamos à porta de sua casa.

Uma criada, que mais parecia uma boneca, manda-nos entrar para um luxuoso gabinete de trabalho, onde tudo é pôsto, ordem, luxo e conforto. Ao lado deste gabinete, separada apenas por uma cortina transparente, uma sala, onde se veem dois pianos de cauda. Enquanto esperávamos por Marcelle Chantal, admirámos os quadros dos melhores autores que se encontram nas paredes dos dois salões.

Marcelle não se fez esperar, e entra, sorrindo, com um sorriso que nos desobre os seus lindos dentes, que algúm classificou «dos mais lindos de toda a França».

Depois de agradecermos a sua gentileza, perguntámos-lhe, mostrando o último número da nossa revista:

— Conhece *Cine-Jornal*?

— Conheço, sim, muito embora lhe pareça estranho. Vou-lhe mostrar alguns exemplares, que Lucienne Boyer me trouxe, quando voltou de Portugal, e deixe-me dizer-lhe que embora não compreenda o português, o acho muito interessante, no seu conjunto.

E depois de nos mostrar alguns números, sobre uma mesa onde se encontram as melhores revistas de todo o mundo, prosseguiu:

— Portugal é um país que não conheço, mas que ambiciono visitar. Lucienne voltou encantada, tanto com o país como com o público.

— Se for a Portugal, pensa ir como artista ou como «tourist»?

— Iria com muito gosto, como artista: mas devo dizer-lhe que, se assim



MARCELLE CHANTAL

a rainha das vedetas francesas fala a "CINE-JORNAL"

não for, não deixarei de ir como «tourist» e aproveitarei a mesma ocasião para conhecer esse Estoril, de que tanto se fala.

— Diga-nos, Mademoiselle Chantal, gosta de música?

— Não gosto, adoro! E estou certa de que me fez essa pergunta por ter visto no salão dois pianos. Sou uma antiga discípula do grande pianista Cortot, mas também canto. Desde pequena, dedico-me à música, pela qual tenho uma verdadeira paixão.

Como fizésemos uma pausa neste momento, e ao mesmo tempo olhásemos para um dos pianos, ela, com uma

gentileza extraordinária, compreendeu que gostaríamos de ouvir qualquer coisa, mas que não ousávamos pedir. Levantou-se e sorriu e disse-nos:

— Vou tocar para si e para o *Cine-Jornal* e muito gostaria que o som chegasse a Portugal! Mas não posso nenhum posto emissor de T. S. F.... No entanto, diga que, ao tocar, pensei no público português.

Sensibilizou-nos imenso essa ideia. E não podemos esquecer a linda «Ave-Maria», de Schubert, que ela executou com mestria.

Agradecemos, aceitámos o cigarro, que nos ofereceu, e tomámos um cálice

de vinho do Porto. Estava por assim dizer terminada a nossa tarefa. Queríamos perguntar ainda muita coisa, mas não a quisemos maçar mais. A saída, ao ver um ramo de rosas formosíssimas, perguntámos-lhe:

— Qual a sua flor preferida?

— Todas, mas em especial essas pequeninas rosas, que alguém teve a amabilidade de enviar de Portugal a Lucienne Boyer.

EXPRESS

(Exclusivo de «Cine-Jornal». Todos os direitos de reprodução total ou parcialmente reservados)



S tomássemos à letra tôdas as notícias e informações concernentes às vedetas de cinema, algumas delas — mórmente aquelas que se referem aos suplicios que passam, para melhorar e conservar a linha — seriam capazes de nos arranear lágrimas do tamanho de grãos de milho!...

Deixemos as horas de gymnástica intensiva, os quilómetros de *footing*, as maçagens e fricções — e detenhamos um pouco, no capítulo da sua alimentação. A eremos naqueles que se dizem bem informados, muitas delas contentar-se-iam com meia dúzia de folhas de alface em salada e pouco mais. Inventou-se até este tipo de *menus*, para as vedetas delgadas e estilizadas... De manhã: sumo de limão. Ao meio dia: um biscoito sêco, uma chávena de chá sem açúcar e um cigarro. Às quatro horas: chá de limão. À noite: o melhor, está provado, é deitarem-se sem comer.

Todos os dias, o pêso da beldade é sujeito a um severo «contrôles»... A cintura, o seio e as ancas são medidos. E: ai se acusam um centímetro a mais, ou se a balança regista alguns grammas supérfluos... A vítima terá que ser sujeita a um regime mais severo e suprimem-lhe pelos menos... o biscoito.

Felizmente, parece, está-se operando uma transformação radical neste capítulo de vedetas-tuberculosas. Hollywood decretou o advento da «falses-gras» para contrapor à concepção ontem rei-

nante da «falses-maigres» e tudo parece caminhar a contento do público, dos produtores e das próprias vedetas.

A liberdade de comer reflectiu-se imediatamente na venda de tratados de cozinha. Organizaram-se campeonatos de cozinhados e aparecem pratos que um *Vatel* não desdenharia «assinar». As vedetas consagraram-se, dum instante paar o outro, à arte difficil de cozinhar. E, agora, o seu maior prazer, é confeccionar piteus e doçarias, nas suas cozinhas, brancas, higiênicas, lavadas, onde o carvão é substituído pela electricidade, e onde o avental-surrão das cozinheiras dá lugar à bata branca, estilo laboratório-experimental.

Lancemos uma vista de olhos sôbre o que se passa na Cinelândia, neste capítulo.

Helen Mack tem uma predilecção pelas sopas. Entende que é muito mais transcendente fazer uma boa sopa, do que confeccionar o «bôlo-podre» ou meia dúzia de «cakes» loiros e amantigados.

Evelyn Venable afirma que, no dia em que abandonar o cinema — que espera estar longe, ainda... — se dedicará à pastelaria, «arte» pela qual nutre verdadeira paixão. A sua especialidade são

os pasteis folhados, com recheios diversos.

Madge Evans criou mais nome, em Hollywood, com as suas suas tortas, do que com os seus filmes... É triste dizer isto — mas é verdade. Não há ninguém na Cinelândia que não conheça, de perto... ou de tradição, as suas famosas tortas de creme. «No recheio», diz ela, é que está o segredo». Mas assevera-se que ninguém, como ela, sabe preparar a massa das mesmas.

Frances Fuller entende que o mais importante, na cozinha, é saber temperar. Além disso, considera os condimentos, a razão de ser de certas comidas. Em sua casa, tem um autêntico arsenal de caixinhas que contêm aqueles preciosos segredos de certos mólhos, e onde figuram não só os mais triviais, a pimenta e o colorau, como os mais raros, entre os quais se podem enumerar as que dão «a côr local» a certos piteus dos esquimós e dos patagões...

Marlène é exímia nos ovos. Conhece mil e uma maneira de os preparar. Mas diz-se que os ovos mexidos com fiambre, regados de vinho do Pôrto e envoltos em pão ralado, que ela e só ela sabe preparar — são um dos manjares predilectos dos raros convidados que frequentam o seu «chome»!

O «rosheas» à inglesa, temperado de vinagre, ligeiramente gasificado, e regado com um mólho abundante, de que só ela tem o segredo — é a obra-prima de Myrna Loy, no capítulo de proezas culinárias.

A própria Greta Garbo, tão diáfana, tão superior, tão etérea, não fica indiferente, à hora do chá, perante um bom

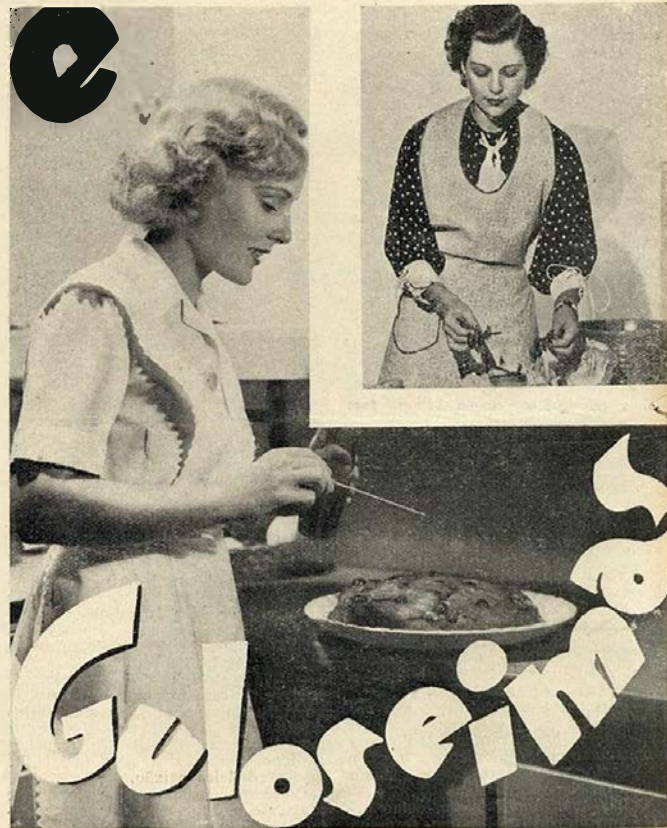
pratinho de «feldsipers», uns bolos sucoos que ela sabe fazer, e que são a mais deliciosa das delicias.

Afirma-se também que Franchot Tone está maravilhado com os pratos saborosos que sua mulher, Joan Crawford, prepara na perfeição. A sua salada de frutas, porém, não encontra rival em tôda a Califórnia.

*
*
*

Os amantes da poesia pura, que se acostumaram a ver as vedetas da tela, como seres imateriais, imicamente entregues ao fogo da sua arte, não podem suportar a ideia de que se interessem por estes prazeres materiais, de cozinhar pitecos e guloseimas saborosas. Mas as pessoas com bom senso, não poderão deixar de se alegrar, porque, para suportar as fadigas físicas e mentais duma profissão esgotante, que exige o máximo de esforços, é necessário ter saúde e, sem dúvida, haveria a deplorar menos suicídios e ataques de loucura se, ao largar o estúdio e a sua vida extenuante, as vedetas pudessem distrair-se um pouco, de forma saudável, a confeccionar alimentos saudáveis, para uso próprio. A vida normal é feita do equilíbrio entre os trabalhos manuais e as exigências do espírito.

MARIO AUGUSTO





RECENTEMENTE realizou-se em Londres um inesperado campeonato de Riso. Foi o caso que três cinemas exibiram, ao mesmo tempo, os «Tempos Modernos», com Charlot; o «Via Lácteo», com Harold; «Uma noite no Ópera», dos Irmãos Marx.

Esta curiosa coincidência, pois que não houve qualquer combinação prévia nesse sentido, além de, naturalmente, ter concorrido para dissipar um pouco o mau humor provocado pelas notícias vindas da Etiópia, via Roma, deu origem o que os críticos indianos aproveitaram o oportunidade que se lhes oferecia para manifestar o seu opinião acerca dessa involuntária competição.

Resolveram eles conferir o título de Campeão do Riso à trindade dos Irmãos Marx talvez contra o expectativa do nosso leitor.

Nós não podemos ser juizes nesse pleito, pois que nos falta ver ainda «Uma noite no Ópera» e «Tempos Modernos». Pando o problema em equiôção, eis-nos perante duas respeitáveis incógnitas...

Mas é de registrar desde já o opinião de que «Uma noite no Ópera» é das três filmes em questão o que desperta mais hilaridade.

Como o «Via Lácteo» tinha realmente muito graça, mostrando que Harold ainda está capaz de «outra», e conhecida como é o justificado curiosidade com que o nosso público aguarda sempre uma produção de Charlot, tornar-se-ia extremamente interessante que as Irmãos Marx fossem, de novo, exibidos entre nós, na produção tão amavelmente recebida pela critica dos jornais de Londres.

E dizemos «de novo», porque as Irmãos Marx já nos foram apresentados pela menos duas vezes: num pequeno filme em

duas partes intitulada «Cabeças de côco» e em «Aguilha em palheiro». Mas o primeiro desses produções foi realizado em 1929 e o outro também data de tempos que se podem considerar como longínquos, dado a velocidade com que hoje os acontecimentos se sucedem.

Por isso, as impressões que vamos colhendo do que nos é dado observar são tão imprecisas como pouco nítida é a visão do paisagem que otrovessamos o cento e tantos quilômetros à hora.

Na entanto, não deve estar completamente esquecido o «manicure» de fazer rir usado pelas Irmãos Marx. É um forma de humorismo absolutamente pessoal, só muito vagamente oporentado com aqueles primeiros filmes cômicos em que havia sempre cenas de perseguição e grandes jarros da Índia oscilando oprensivamente sobre o cabeça do mais turbulento.

Não manejam o ironia, nem fazem caricatura das manias e das pequenos ridiculos dos homens. Dando largos à fantasia, criam situações cômicas. Não constroem ditos de espírito, mas sarilhos incríveis.

E não é para menosprezar o seu esforço, se soubermos que o realização de «Uma noite no Ópera», por exemplo, levou dois anos e foi precedido duma largo digressão pelo América, para se avaliar bem, pela reacção do público, do efeito de alguns das «gags» apresentadas no filme.

Neste ponto, observa-se uma seriedade de processos que lembram o atenção dispensado por Charlot aos seus filmes, cujo elaboração ocupa um espaço de tempo em que caberiam duas ou três produções dramáticas.

Dandé resultado que o humanidade tem uma inclinação natural para chorar (vem-

-lhe de nascença...) e que só com muito dificuldade se põe o rir. Infelizmente para todos nós o «Vale de lágrimas» é uma imagem de realissimo sentido.

* * *

Se poro uma largada de pombos é pre-

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES



A clássica «loucura» das irmãos Marx. É difícil imaginar maior e mais aflitivo embrulhada, dentro destas quatro paredes...

ciso, primeiro que tudo, que hoje pombos, poro se dar largos à imaginação é necessário, antes do mais, que se possua imaginação. O êxito do processo empregado pelos Irmãos Marx explica-se por estes não conhecerem limites à fantasia. O espectador nunca pode prever o que será a cena que se vai seguir; a primeira vez que tento fazê-lo, logo reconhece que se engano redondamente.

E aos olhos dos amadores de filmes políticos não é esta qualidade despiciente...

Evidentemente que o filme tem um fio de ligação, mas esse fio é tão inverosímil como o próprio filme, porque tem três pontos: uma poro cada Marx. E estão a ver o que será quando eles começam o puxá-lo cada um poro o seu lado...

* * *

O que não há dúvida é que se trata de verdadeiras artistas. Porque criam e porque as suas criações são por todos compreendidas. Se assim não fosse, essas obras provocariam em vez do riso, sono, como certos melodramas erroncam farta gorgalhada.

De teatrinho de feira, ci-lhos guindados o elementos de primeira grandeza do Metro. Futuro mais glorioso lhes estaria guardado se tivessem vivido no tempo dos Césares. Dado o originalidade dos Irmãos Marx, talvez que Nero pudesse matar o sêde de ineditismo que o abraçava. E ter-se-ia, assim, evitado o incêndio de Roma.

Se esta afirmação poderá parecer disparatado, que hão de dizer do foto abaixo? Chamar-lhe pesadêlo? Seria falta de galanteria poro o «manicure» que se vê no primeiro plano... O melhor é pôr-lhe unicamente um número: cena número tal do filme dos Irmãos Marx «Uma noite no Ópera». E está tudo dito...



Uma super-comédia do ano máximo da METRO-GOLDWYN-MAYER



Os dois exemplos que o cinema vos dá!

A falta de pudor do cinema...—Quem tem a culpa?—As cenas escabrosas—A dignidade e o escândalo—O cinema sensual—O caso do «Pão nosso de cada dia»—O amor, o casamento e o divórcio—Porque só copiamos o que é mau—As duas lições do cinema.

...E os moralistas mal humorados que não acusem como único culpado da invasão da falta de pudor essa arte cheia de recursos intitulada: Sua Magestade—o Cinema.

O Cinema é, unicamente, um cúmplice, com graves responsabilidades. Outro grande cúmplice é o próprio público, que retém e evidencia tudo aquilo que interessa e pode interessar o seu espírito do mal, com prejuízo manifesto do restante, em que por vezes existe beleza e cinema. Aflui mais às casas de espectáculos onde sabe previamente que se exibem filmes *picantes* ou com títulos *suggestivos*. E da velha sabedoria das nações que os produtores exploram a agrado do público, e, sendo a maioria dos filmes deste género demonstra, de maneira iniludível, que...

O grande culpado é, portanto, o público; todos o sabem. Os produtores são comerciantes e os comerciantes negociam aquilo que lhes dá interesse.

São então os realizadores os culpados?

Vejamos; como são pagos pelos produtores têm forçosamente que lhes obedienciar, como nós consideramos o realizador um artista, temos o direito de lhes exigir as responsabilidades inerentes a um tal epíteto. A situação parece que se complica, mas não. Está uma atitude indicada: nós admitimos que os filmes tenham uma faceta comercial mas exigimos em troca, como equivalente, que o realizador—o artista—nos ofereça uma obra com méritos. O inadmissível são as obras

99 por cento comerciais e quejandas, ou então aquelas que se servem dum tema com responsabilidades e o deturpam. Estão neste caso os espectáculos de Cecil B. de Mille.

Esta atitude de transigência mútua parece-nos a mais razoável.

Mas voltemos ao princípio. Convidados—leitores e leitores de todas as idades e de todas as ideias— a fazer um exame retrospectivo e julgai a vossa atitude perante certos filmes e mesmo sobre certas cenas dos filmes. Permili que faça parte do júri que preside a esse julgamento íntimo. Prometo ser benévolo.

Projecta-se uma cena, na tela, em que se enaltece a honra, a família e o passado; pois reparem, seja o assunto bem ou mal desenvolvido—e eu já assisti várias vezes aos dois casos— nota-se na assistência um certo ruído comprovativo do desinteresse e do enfadamento, cochicha-se, fala-se em voz baixa de mil e uma coisas, desde o chapéu da senhora da frente aos encontros dessa tarde no Chiado e as pessoas mudam frequentemente a sua posição na cadeira, como quem procura descobrir a forma mais cómoda de assistir a uma tal estopada.

Mas reparai na assistência, se tiverdes força de vontade suficiente para desfilat o *écran*—o que duvido— caso se desenvolva uma cena amorosa entre o Clark Gable e a Joan Crawford. Pode ser muito mal feita, mas ninguém se mexe, ninguém fala, nada consegue distrai-la e quanto mais tempo demo-

rar a projecção maior é o silêncio... a não ser que algum dos espectadores da geral diga um comentário *elogiativo* em voz alta.

Observa-se outro caso flagrante quando, com aquela naturalidade que só os americanos conseguem, a protagonista se começa a despir enquanto dialoga com a criada. A acção sucede-se lentamente e quando o traje está reduzidíssimo... surge uma outra cena. É da praxe um suspiro baixo... altamente significativo.

Eis nestes dois pequenos casos mais ou menos escabrosos, o produtor a explorar os baixos apetites do público e o público satisfeito com a transigência em proveito da sua humana-animalidade, que não deixa de ser animalidade, *tout-court*. E agora, friamente, confessai que às vezes também vós, caros leitores, lendes feito parte da assistência que assim se manifesta perante o filme, em prejuízo do cinema—Cinema.

Mas isto quasi que era desculpável por se passar em instantes que poderíamos classificar de «momentos de fraqueza». O pior são as ideias que nos apresentam com naturalidade. Já repararam como os americanos nos têm habituado a encarar o divórcio—o inadmissível divórcio—como a coisa mais natural deste mundo. E vêde ainda que a maioria das vezes o divórcio, nos filmes, não é originado por um motivo forte e de tal maneira chocante que leve os seus próprios adversários a admiti-lo. Não, uma simples banalidade amorada, teatralmente preparada,

procura-nos convencer com a teoria do amor e da cabana em favor dos protagonistas que se encontram retinidos— por exemplo — num gabinete reservado a gozarem os prazeres duma ótima ceia regada a champagne. Mas os americanos são, assim, deliciosamente infantis.

Ainda há dias comprovaram esta afirmação com essa curiosa película intitulada «Pão nosso de cada dia». Obra cheia de cinema, de bom cinema, chega por vezes a apresentar-nos bocados primorosos. Pois quanto ao argumento é duma ingenuidade assombrosa—no sentido depreciativo da palavra. Não é carne nem peixe, pois não passa duma tentativa com prosápias sociais. O público foi lá, na sua grande maioria, não para ver uma obra com bom cinema mas sim porque cheirava a escandaleira política. Pois, debaixo deste ponto de vista, é um filme social com teorias neste género: se um homem a trabalhar numa quinta produz uma certa quantidade de trabalho, dez produzem dez vezes mais e assim sucessivamente.

Chego por vezes à conclusão que o célebre Dr. Assis tinha razão: «chegava antes de partir», tudo é uma questão de aumentar a velocidade, pois, segundo o filme, também o trabalho produzido está na razão directa dos operários empregados... e portanto «é entrar».

Há então uma reunião que é dum pitoresco notável... Em propaganda naquele género parece-me que poucos acreditam, mesmo com muito boa vontade.

Anteriormente falámos dos divórcios. Seria também curioso notar-nos a facilidade com que nos apresentam paixões e arranjam casamento (é claro que, depois, os resultados são lógicos e evidentes).

E a normalidade com que uma mulher se torna desonesta e a boa cara com que o marido recebe a noticia?!

Todo o público, caso pense um segundo, discorda, pelo menos, em parte. Mas, como é escusado pensar, vê aquilo, torna a ver, habitua-se a ver... e do ver ao fazer é o que nós sabemos e o que a cada passo nos contam.

O cinema habituou-nos a encarar o impudor da actual sociedade e a admiti-lo. E de tal forma nos habituamos que por vezes somos os próprios a praticá-lo, ou pelo menos a defendê-lo.

Ao mal nos adaptamos nós, mas o mesmo já se não pode dizer do bem. Todos os filmes americanos, são uma lição de optimismo, de saúde, de boa disposição; pois qual, nisso não lhes ligamos importância e não os procuramos imitar. Apresentam-nos ranchos e ranchos de rapazes e raparigas sádios, cheios de vida e de alegria e nós continuamos conformados com este aspecto enfiado que suportamos, e para completar a exteriorização doentia ouvimos fados languidos em atitudes de extase.

As lições de optimismo, de perseverança e de coragem fingimos não as ver. E o espirito combativo que mostramos possuir e de que nós tanto necessitávamos também não reparamos. Mas a lição mais notável está nos interiores das suas casas, duma modéstia que não é pindérica, duma simplicidade que não prejudica o conforto e com uma preocupação das coisas úteis que não compromete a elegância e o bom gosto. Contraste flagrante com as casas dos portugueses, atulhadas de mil e uma inutilidades e bugigangas de mau gosto que só servem para acumular pó e irritar todo aquele que possua a menor noção de estética.

Pois nada disto imitamos. As nossas raparigas só lhes agrada a cópia dos vestidos, dos gestos e das sobranceiras das «estrélas» e as mulheres e exultam com uma pretensão irritante... o menos cinematográficas possível. Os rapazes copiam os bigodinhos e arram em conquistadores fatais.

O cinema tem culpas sobre os defeitos e os ridículos da actual sociedade. Mas a própria sociedade ainda tem mais.

O cinema dá-nos duas lições e nós só seguimos o que é prejudicial e ridículo e desprezamos tudo aquilo que é realmente civilizado.



E foi ainda o «sex-appeal» do marquês de Pompadour que dominou Luís XV, levando o França à desastrosa contingência de perder as suas colónias.

Dentro do cinema, essa formidável descoberta, que no história do mundo tantos desaires tem causado, e bastas obras tem erguido, deve aos americanos o seu êxito brutal. Foram eles que, ojeitando-o à sua maneira, adaptando-o à sua psicologia, o tornaram sumamente belo, imensamente desporteadora.

E eu, aqui no meu pequeno gabinete de trabalho, rodeado de meio dúzia de imagens frescos e gentis, circunvago o visto por todos eles, e fico meditativo ao deparar com uma foto de Lupe Velez, com por cento «sex-appeal»...

Lupe não é bonito!

Feições grosseiros, um rosto grande, embora expressivo, um nariz vulgar...

Mesmo ao seu lado, vejo Lilian Harvey, «mignonne», olhos cheios de doçuro, um sorriso de angelical amor, que nos tiro do cérebro pensamentos libidinosos, e nos torno bons rapazes.

Mos eu prefiro Lupe Velez!

No conjunto do seu rosto, um tanto conchito, no fluido pecaminoso que os seus olhos escuros exalam, no sorriso convidativo que lhe brinca nos lábios, eu vejo o mulher, em todo o seu pujonço de fêmeo atraente, o quem bosto um gesto ínfimo, mas significativo, poro desnostrar o homem mais sensato, poro orrostar nos malhos do seu encanto enigmático o mais púdico e ponderado.

«Sex-appeal»!

Atrocção diabólico, que nos perturbo os sentidos, obrigando-nos a viver em sonho repleto de prozeres e felicidade...

«Sex-appeal»!

A arma mais poderosa que o cinema des-

coveriu, quando o mundo começava o beijar ante o belezoso cândido e ingénuo das suas estrelas...

Os franceses fabricam-no o miúdo. Os americanos constroem-no em série. Arranjam um bom grupo de «girls», polvilham-no de «sex-appeal», dão-no o Eddie Cantor, e o filme está solvo; triunfo em todos os países, estonteio velhos de calvo e sem dentes, perturbo românticos doentios, agito rapazes de 20 anos, enleia tímidos colegiais, que começam, então, o enveredar pelos meandros da concupiscência.

*

* *

Gostariam, possivelmente, que vos desse uma definição concreta de «sex-appeal».

É preferível não o fazer.

A definição seria frauxo, e em nodo os elucidaria. Maurice Bessy, ao tentar defini-la, apenas conseguiu arranjar um ramalhete de divagações que nodo nos dizem sobre tão transcendente questão feminino.

Pensem, sonhem, escrevam e discutam sobre o «sex-appeal». Mos receiem-no. Ele está sempre onde parece não estar. E quando sentimos o seu influência, já nodo nos pode livrar dêle.

Só resta um remédio. Se «ela» fôr interessante, rendom-se à fatalidade. Não o temam, pois é inofensivo. Fox «sex-appeal» por «sport».

Agora, se clo é destituido de belezoso, tenham cuidado, porque o «sex-appeal» dum mulher feio é infinitamente mais perigoso do que o de uma beldade.

E é o que vos posso dizer sobre tão complicado assunto.

Que Deus nos livre do «sex-appeal»...

ANTÓNIO FEIO.

O «sex-appeal» é um dos mais complicados mistérios que o mulher inventou, talvez com a preocupação de dominar o homem e patentear-lhe a sua incantável superioridade em questões de embriaguês amoroso.

Não julquem que foi o cinema que o criou...

A câmara limitou-se o descobri-lo, o apontá-lo, às multidoes; o realçar-lhe as suas qualidades, o atirá-lo, como qual flúido perturbador, poro os infelizes mortais que têm a melogomania de se entusiasmar pelos belesos dos estúdios.

Quando Marco António fez comparecer Cleópatra no tribunal de Torso, no Sicillio, afim de a castigar pelas auxílios que prestára o Corsio, o espôso de Fúlio tudo esqueceu ante as atitudes «sex-appeal» do roinho do Egito. E mais tarde Cleópatro voltou o usar do seu infernal «sex-appeal» poro levar o triunviro romano a renegar o seu próprio pátrio e o combater Octavio, no batalho de Actium, onde o sorte lhe foi adverso.





O T R E V O D E 4 F O L H A S

À hora a que a nossa revista começar a correr nas ruas de Lisboa, deve estar por pouco a estreia do *Trevo de 4 Fôlhas*, o novo filme português, cuja apresentação vem sendo ansiosamente aguardada.

Pouco ou nada se sabe de história e da realiação. Um segredo absoluto rodeou todos os trabalhos de montagem. O público vai ver uma obra inédita, em absoluto, porque dela, pouco ou nada transpirou, e ainda porque é a cinematização dum argumento, escrito expressamente para o cinema, e do qual apenas se conhecem as ideias gerais.

O Trevo de 4 Fôlhas é o mais caro de todos os filmes até hoje feito em Portugal. Representa a concretização dum esforço, verdadeiramente titânico. É o somatório de muitos meses de trabalho.

Tudo isto concorre para tornar a estreia de hoje num acontecimento de excepcional interesse — e tudo isto há de o público ponderar, antes de ditar o seu juízo...

O Trevo de 4 Fôlhas, primeira produção de Sonarte, distribuído pela Sonoro Filme L.^{da}, vai conhecer, por certo, o êxito a que tem jus!

Os nossos filmes

MARIE Flor, a célebre e formosa cantora de ópera, anda em digressão artística pelo Canadá, onde os seus êxitos se contam pelas apresentações. A melhor sociedade disputa a honra de a receber, incluindo o governador de Montreal, que lhe testemunha uma adoração sem limites

Marie de Flor aceita a côrte do importante funcionário, por necessitar da sua protecção e da sua influência, pois só ele poderá atenuar o castigo de seu irmão, Jack de Flor, preso por cumplicidade num acto de banditismo.

Uma noite, depois de triunfar com «Romeu e Julieta», Maria é procurada por um índio mestiço que, em segredo, lhe comunica, que seu irmão, fugindo da cadeia, se escondeu no interior, nas florestas, e precisa de dinheiro para fugir à acção da justiça. Maria de Flor, abandonando tudo, segue o guia, em procura do irmão, seu único parente vivo, a quem muito quer...

*

* *

Ao chegar às últimas fronteiras da civilização, Maria é roubada pelo mestiço que a acompanhou. Sem dinheiro, sem valores, sem nenhum recurso, tenta cantar num café, mas ninguém lhe presta atenção, salvo Bruce, um sargento da Polícia montada do Canadá, que foi até ali, precisamente, com a missão de encontrar o evadido Jack de Flor. A presença, ali, daquela estranha torna-se-lhe suspeita e o sargento, começa a interessar-se por ela. Abusando talvez das suas funções oficiais, interroga horas e horas a viajante, a quem chama Rose-Marie.

Oferece-se para a acompanhar ao seu destino, que ela esconde. Procura numa festa onde se reúnem tôdas as tribus de índios e encontra... Numa palavra, não a abandona um só momento. E, quando Marie lhe foge, ele



ROSE MARIE

segue-a, certo de que, uma vez perdida na imensidade das florestas, será ela quem desejará a sua companhia.

E assim sucede. Ao chegar a noite, cheia de ruídos estranhos, de uivos longínquos de animais, Rose Marie, sente-se presa daquele vago terror que inspira a magestade da Natureza, e é, com júbilo, que vê surgir o sargento Bruce, de quem compartilha a frugal refeição e a tenda de campanha. Bruce é discreto, e naturalmente delicado, apesar da sua ousadia de conquistador. Rose Marie não fica insensível aos seus galanteios. E, quando, no silêncio da noite, ao longe, se ouve uma estranha melodia, um canto de amor indiano, que os ecos do vale repetem infinitamente, Rose-Marie, sentindo uma pungente necessidade de afecto e de ternura, rende-se nos braços do seu adorador.

*
* *

O sargento Bruce, adivinhou, por pequenos nada, quem Maria de Flor busca. E quando presente que a viagem está a chegar ao seu termo, despede-se dela como se o seu destino fôsse diferente. Marie deixa saúdosa o garboso rapaz e em breve encontra o irmão. Mas, mal tinham passado os primeiros momentos de efusão, entre os

dois, há tanto tempo separados, surge Bruce, que, no cumprimento do seu dever, prende Jack, o primeiro a reconhecer que a sua prisão é justa. E, ali, promete a si próprio, sinceramente, voltar a ser um homem de bem, quando terminar a pena. Porém, Rose Marie não perdôa o que ela considera uma traição e acusa Bruce de ter fingido um amor, que não sentia, com o único fim de atingir os seus propósitos... E da sua boca saem palavras de maldição que no íntimo talvez não sentisse.

*

...O tempo passa... Rose Marie volta ao mundo civilizado. Vai cantar de novo... Representa-se *Romeu e Julieta*, mas, durante a representação, vêm-lhe à mente a recordação dos momentos que viveu perto de Bruce, isolada do mundo, cercada da felicidade... E enquanto o tenor canta a melancólica romanza do terceiro acto, Rose Marie, sente que no seu cérebro esta música dolorosa se confunde, se mistura, com o melancólico lamento de amor indiano, que uma noite a fez reunir a Bruce... Tenta cantar, mas cada vez as duas árias se confundem mais. Quere reagir... o público apercebe-se do nervosismo da cantora. Aquela ária indiana é uma obces-

são que a não deixa seguir o seu papel... Zumba-lhe aos ouvidos, mais forte, cada vez mais forte! Dominando a orquestra, dominando tudo, o cérebro enche-se de sons desconexos, vibrantes, lamenosos. E deitais! Rose Marie tomba, enquanto o pano desce e os espectadores surpreendidos se levantam em tumulto. O pessoal de cena ocorre...

*
* *

Rose Marie está convalescendo da grave comoção sofrida. Regeita contratos que, de tôda a parte, lhe oferecem... Sente que nunea mais poderá cantar... Falta-lhe qualquer coisa. — O amor. — Mas o único homem que tinha amado atraçoára-a no seu afecto. Nem sabia mesmo onde êle estava... Aquele canto indiano, aquela triste melopeia de amor, fôra a causa de tudo!... Rose-Marie entôa-a, para recordar os fugases momentos de ventura, que vivera... E, de súbito, ouve uma voz forte que responde, ali perto, à sua canção! Uma alucinação? Não! É o sargento Bruce, que também não a esquecerá, que a procurará, por tôda a parte, e que agora, no seu isolamento, lhe vem provar que o ter cumprido o seu dever de justiça, não significava por ela menos amor.

U. AZEVEIRO DIAS





Quem conta... seus amigos espiam. Patrícia Wilder, James Stewart e Wendy Barrie, não parecem muito divertidos a ouvir Ted Healy cantar...

À MARGEM DO CINEMA

CINEMA E VARIEDADES

VÁRIAS vezes tem sido apontada, entre variadas formas de resolver a crise teatral — no que diz respeito a artistas desempregados, — uma maneira rápida e simples, que muitos, sabemos, consideram de extraordinária eficiência.

Consiste tal excepcional solução em obrigar os empresários cinematográficos a exibir, em todos os espetáculos de cinema, uma *fin de festa*, constituído por Variedades a cargo dos artistas desempregados. Sem duvidarmos das boas intenções de quem sugeriu tal ideia pela primeira vez — porque os outros, depois, repetiram-na sem pensar, — parece-nos que tal solução, longe de resolver o magno problema do desemprego teatral, viria colocar-nos perante várias e complicadas dificuldades de relativa transcendência.

Em primeiro lugar, não nos parece certo que se vá pedir ao Cinema que resolva o problema teatral...

Nós somos das pessoas que acreditam, que querem acreditar que o Teatro não perdeu nada do seu prestígio e do seu domínio sobre o público. Mudáramos de opinião, embora dolorosamente, no dia em que vissemos as entidades superiores obrigarem, — o termo é infeliz, pois não é? — as empresas cinematográficas a contratarem artistas teatrais, embora contra sua vontade. E

certo que o Cinema tem ido buscar ao teatro muitos e valiosos elementos. Mas faz isso, note-se bem, porque quer, e porque pode, entre a classe teatral, escolher os elementos que lhe convêm.

Sem a pretensão de amesquinhar ninguém, podemos afirmar que, entre os artistas desempregados, embora existam alguns elementos de alor, não há, na generalidade, figuras capazes de sustentar com categoria, em qualquer cinema, espetáculos de *music-hall*, género tão difícil, e no qual têm esbarado artistas de reconhecidos e autênticos méritos.

Há verdades, sabemos, que não agradam a muitos. Mas é assim mesmo. Os artistas desempregados, deveriam procurar a solução do seu problema, conseguindo que os empresários teatrais os contratassem, divididos pelos vários elencos, como necessárias figuras de conjunto. Nos espetáculos que organizaram no Apolo, à parte raras excepções, deram uma ideia bastante pálida das suas possibilidades, — tendo em conta, claro, que tiveram, muitos deles, de desempenhar papéis que, noutras condições, nunca fariam... Em Cinemas, a realizarem espetáculos de *music-hall*, só conseguiriam alargar, até ao Cinema, a crise do Teatro...

Não será assim?

Se não é, estamos prontos a discutir o assunto com quem no-lo apresente mais fácil e o veja duma maneira mais optimista...

Compensações

Um jornal francês comentava há dias, pasmado, que, entre os trinta e três Estados que compõem a Europa há ainda dois que não possuem um único cinema!

O primeiro, o principado de Lichtenstein, tem dez mil habitantes; o segundo, a República de S. Marino, tem catorze mil almas.

Por aqui se conclui que, só na Europa, há vinte e quatro mil pessoas que desconhecem as delícias da sétima Arte.

Mas, em compensação, de que quantidade de coisas, ligadas ao Cinema não estão elas livres!

Tudo, na vida, tem compensação. Os habitantes de Lichtenstein e de S. Marino, nunca viram os belos filmes da Garbo, da Crawford ou do Charles Boyer.

Mas podem-se também galar de nunca terem visto certos filmes, com que nós, infelizmente, nos temos deliciado...

Resposta a tempo

Num Cinema espanhol, corria-se um filme cujo primeiro actor, segundo os cartazes anunciadores, se chamava Bueno. A certa altura do filme, que estava aborrecendo mortalmente os assistentes, ouviu-se perguntar em voz alta:

— Quén es Bueno?

E uma voz, tristemente, respondeu dos balcões:

— Ninguém!...

Pouco efeito...

Uma *extra* americana convidara um jornalista, correspondente duma revista de cinema, a almoçar com ela num restaurante de Hollivood.

O jornalista, porém, não compareceu e, no dia seguinte, a artista, depois de o insultar por essa falta de cortezias, acabou por dizer-lhe, para lhe fazer ciúme:

— E no final, para vingá-me, fui almoçar com um colega que me faz a corte!

E ficou-se, esperando o efeito das suas palavras.

O jornalista, porém, limitou-se a perguntar, muito naturalmente:

— E... o que comeram vocês?

Bôlsa de Estudo...

Certa cinéfila, apaixonada pelos filmes musicais e encantada com Martha Eggerth, sua predilecta, começou, denodadamente, a aprender canto. Porém, talqualmente sucede a muitas pequenas que nós conhecemos, que só possuem orelhas e não têm ouvidos, desafiava atrozmente.

Um dia, constou na sua rua que a pequena tinha seguido para Milão, a completar a sua *educação musical*!

O sucesso foi enorme. E, na loja em frente, perguntava-se:

— Mas ela é poltre! Onde arranjará o dinheiro?

— Talvez lhe fôsse concedida alguma bôlsa de estudo!

— Qual! Como poderia isso ser se ela não canta nada!

Até que um recém-chegado explicou:

— Fôram os vizinhos que se colizaram para se verem livres dela!...

Presunção e água benta...

Um cineasta francês, apaixonado por uma «vedeta» de cinema, fêz-lhe tantas e tão insistentes propostas, que ela acabou por dizer-lhe:

— Sou sua amiga, mas nunca me casaria, nem com o homem mais belo do mundo!

E o pretendente, após uns momentos de pasmo, insistiu:

— Mas... quem lhe disse que eu era o homem mais belo do mundo?...

ANÍBAL NAZARÉ

MARIE VON TASNADY

SINFONIA HUNGARA...

UM dia de sei no Cinefórum alemão. Conheço lentamente pelo grande avenida dos estúdios, em cujas portas luzes vermelhas pedem silêncio. Entra, para um longo vestibulo e pergunto ao porteiro se Maria von Tasnady, a linda húngara que eu desejo entrevistar, se encontra em algum dos «plateaus».

— Não está, mas deve encontrar-se no seu camarim, primeiro andar, número 17.

Subo a escada, boto à porta do 17 e ouço uma voz que me manda entrar. Maria von Tasnady levanta-se do divan em que estivera deitado, sorri, oferece-me um cigarro, e com grande surpresa minha, antes mesmo que eu comece o falar destecho-me o seguinte discurso:

— Sou húngara de nascimento, trabalhei em alguns filmes, na minha terra, e é esta a primeira vez que desempenho um papel num filme alemão, aliás um esplêndido papel que me agrada imensamente. Sou «portenoire» de Willy Birgel, que faz o papel de um maestro, enquanto que eu faço umas cenas com uma criança, o pequenino Peter Baese, que trabalhou tão acertadamente no filme de Gigli. O ambiente do filme, e o enredo propriamente dito, agradam-me muito, e além disso estou muito satisfeita com os meus dois colegas, com o grande e com o pequeno. Peter, meu filho no filme, dá-me às vezes preciosas conselhos, como por exemplo, «saia daí, senão estrago a cena», ou então, «agora não se brinca... trabalhe-se!». Claro está que siga à risca as recomendações do meu pequeno colega, ao qual, de resto, já me sinto ligada por laços de sincero amizade. Peter mostra-se por vezes satisfeito com o meu trabalho, e então não regeia cumprimentos: «Hoje está piramidal» e... «Gastei do seu trabalho naquela cena. Eu não faria melhor». Amabilidades destas, é claro, que me enchem de alegria.

Para selar a nossa amizade e camaradagem, trouxe-lhe um dia um livro de estompos. Peter abriu o livro e desenvolveu logo uma sama tal de conhecimentos zoológicos, que me deixou surpresa. Não só sabia os nomes de todos os bichos que apareciam nos gravuras do livro, como até estava familiarizado com as uses e o vida desses animais.

E agora que falei dos meus colegas, podemos o examinar o filme em que todos nós estamos trabalhando com tanto entusiasmo. Chamo-o «Schlussakkord» (Acorde final) e é produzido sob a direcção de Bruno Duday. Um dos papéis principais é interpretado por Willy Birgel, que faz um maestro célebre, que se interessará por mim graças à Nona Sinfonia de Beethoven e à intervenção de Peter, meu filho. E por enquanto, é tudo o que eu lhe posso dizer sobre o enredo.

Aqui, terminou o discurso de Maria von Tasnady. Mas porque será que ela não me deixou perguntar nada? A esta pergunta, Maria confessa-me que antes de ser actriz, também era jornalista. Estava, pois, em presença de uma colega. E quando eu cantor-me as suas viagens, por esse mundo fora, apareceu o director de cena o chamou-a para o «plateau». Mal tive tempo de me despedir e de lhe agradecer.



À Hora
do CHÁ,
na praia, não
queira outro!...
prefira o

CHÁ LI-CUNGO

É um chá português, que
realiza com os melhores!

Quando encontrar, nas
praias, uma rapariga
tão bonita como
ROCHELLE HUDSON

convide-a para tomar

Chá Li-Cungo

A VENDA EM TODO
O PAÍS

PEDIDOS À
COMPANHIA DA ZAMBÉZIA
R. do Alecrim, 53-1.º

Quem é Luise Rainer, a nova vedeta do cinema americano?

UMA rapariga de dezasseis anos, sem experiência teatral, caminhou, com passos tímidos, até o meio do palco, dum teatro vasio, a-fim-de dar uma audição. Era uma das inúmeras candidatas que vinham prestar as provas, e declamar, ante juizes impassíveis e austeros para certa cena, cujas linhas lhe haviam dado, meia hora antes, para decorar. Dez minutos, depois estava contratada e com esse contrato Luise Rainer iniciou uma carreira meteórica que em poucos anos a levaram a quasi todos os teatros européus.

Os êxitos sucederam-se, à medida que esta talentosa rapariga interpretava os dramas de Shakespeare de Ibsen, de Pirandello e outros, com a companhia Max Reinhardt, em Viena, até chegar a ser uma estrela de primeira grandeza.

A sua fama espalhou-se através do Atlântico, e a Metro levou-a para Hollywood. Luise Rainer, até aí, nunca havia aparecido ante uma câmara cinematográfica. O seu primeiro filme foi «Escapades com William Powell». O segun- do «The Great Ziegfeld» ao lado de Powell, também.

A-pesar-de ser um prodígio do teatro, essa admirável vienense não conta entre os seus antepassados nenhum actor. Seu pai, Heinz Rainer, é comerciante. Durante muitos anos, viveu nos Estados Unidos: depois, regressou à Europa, para se estabelecer. Sua mãe Emy Rainer, nunca pisou um palco.

Nos primeiros tempos, a família de

Luise teve uma vida próspera, de modo que ela pôde ser educada nos melhores colégios da Europa. Estudou arte e literatura. Mas, ao completar os dezasseis anos, as coisas mudaram, por completo. De repente, os negócios de seu pai foram de mal a pior. Foi então que Luise, desejava de auxiliar os seus, resolveu encetar a carreira teatral.

Foi Max Reinhardt, o famoso director theatral, quem a apresentou ao público vienense e, dum dia para o outro, fé-la triunfar nos mais difíceis papéis das obras do repertório clássico e do moderno.

Quando trabalhava em «Seis personagens à procura dum actor», de Luigi Pirandello, a Metro-Goldwyn-Mayer, depois de ouvir a opinião do director Clarence Brown, de Rufus Le Maire e de vários outros, resolveu convidá-la a ir a Hollywood. Sentiu que não havia mais nada para aprender no palco, Luise aceitou o convite, e assinou um contrato a longo prazo.

Miss Rainer é uma frágil morena cujos grandes olhos negros foram proclamados os mais belos da Europa.

«Véspera de Combate», em Berlim

No Capitol, de Berlim, a Ufa está apresentando com um êxito vulgar o filme *Véspera de Combate*, que, em alemão, se intitula *Entre a noite e a madrugada*.

A Sua Pele Tornou-se Clara Durante o Sono

Uma Nova Cera Extraída das Flores
Suprime As Imperfeições da Pele
e Produz Uma
Beleza Fresca e Nova
Numa Única Noite



Fabricando-se perfumes descobriu-se que uma pura cera virgem extraída da corola das flores possui a maravilhosa faculdade de embranquecer a pele. Com esta delicada substância dum branco nível, chamada Cire Aseptine, loda a mulher pode hoje tornar rapidamente clara a pele dando-lhe diferentes tons. Tudo o que parecia grosseiro, escuro e seco desaparece, os pontos negros são dissolvidos e as imperfeições do rosto abagam-se. A pele adquire um aspecto claro, macio, juvenil, lílial, e isto dum maneira impossível de obter de modo diverso.

Aplicada à noite, antes do deitar, a Cire Aseptine penetra suavemente na pele, que amolece, destacando em pequenas partículas, durante o sono, a

camada exterior endurecida. Quando lavar o rosto, de manhã, estas grossas películas da pele desaparecem. É assim que aparece a beleza da pele fresca e nova que elas encobriam. Não deixe de empregar igualmente a Cire Aseptine no rosto e no pescoço — bem como nos ombros, nos braços e nas mãos se o desejar. Doutra modo, a diferença na cor da pele será muito notada.

À venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Aseptine—88, Rua da Assunção, Lisboa—que atende na volta do correio.

MANUCURE, Massa-
gem das mãos, correcção
de sobranceiras, desapa-
recimento dos pêlos por
metodos modernos

Academia Científica de Beleza
Avenida da Liberdade, 35
TELEFONE 21866
LISBOA



As composições gráficas das
páginas desta revista são de
RAUL FARIA DA FONSECA

Stadium

A melhor revista da especia-
lidade que se publica em
Portugal

informa tôdas as quartas-feiras
os seus numerosos leitores de
todo o movimento desportivo
do País

Tem 16 páginas cheias
de óptimos e flagrantes
gravuras por 1 escudo

f é m i n a

A grande revista feminina
portuguesa

Apresenta todas as sextas-feiras os
mais recentes modelos de vestidos e
de chapéus, tratando sempre de todos
assuntos que interessam às Senhoras.

À VENDA EM TODO O PAÍS

24 páginas com muitas gravuras
a cores—Capa a côr:
Esc. 1\$50

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, Lda

Redacção e Administração: T. da Condessa do Rio, 27
Telefones 2 1248 e 2 1227

Comp., impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), Lda
Trav. da Condessa do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano 48\$00
25 " 6 meses 24\$00
12 " 3 meses 12\$00
Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano 65\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 33 — 1 DE JUN O DE 1936 — SAÍ TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



«CINE-JORNAL» É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA